

Sejamos dignos de Brasília

GAZETA MERCANTIL

01 JUN 1998

Carlos Pontes *

Yuri Gagarin, o famoso espaçonauta russo, quando desembarcou em Brasília, em seu périplo pelo mundo, como instrumento da propaganda soviética da ainda poderosa URSS, após a sua vitoriosa viagem espacial, emitiu a famosa frase que usei em um cartaz produzido para a Secretaria de Turismo do DF: "Quando desembarquei em Brasília é como se estivesse desembarcando em uma cidade da Lua."

Sim, Brasília é uma cidade diferente, atípica, inovadora, espacial, como se fosse uma cidade da Lua, céu aberto, altiplana, o horizonte como se fosse o mar.

É uma cidade planejada cem anos na frente de sua época. A visão de um estadista que foi Juscelino Kubitschek, que se meteu nessa epopéia como um

lôuco, um visionário, mas com a consciência do coração; a lucidez e o avanço de um urbanista como Lú-

cio Costa e a genialidade conjugada com a singeleza de Oscar Niemeyer; e mais a decisiva colaboração de homens-chave como Bernardo Sayão, o mártir que morreu no desbravamento da rodovia Belém-Brasília, e Israel Pinheiro, nosso primeiro administrador; e Ernesto Silva e tantos outros, além dos candangos, essa plêiade de gente corajosa e desprendida que fincou em Brasília um marco definidor de um novo Brasil rumo à ocupação de seu próprio interior.

E é aí que Brasília vai passar a ocupar um papel importante na conquista da auto-estima dos brasileiros e vai passar a ser uma referência e um exemplo de novos padrões de comportamento para o País. Foi-se aquela fase em que Brasília era

tida como o antro dos políticos corruptos, ao ponto dos brasileiros nos olharem com agressividade e até de ameaçar um carro que um certo Ministro do TST usava em férias no litoral de Santa Catarina. Os políticos vêm dos Estados. Nós, a Brasília real, que aqui fincamos os pés, trabalhamos e muito.

Os brasileiros começam a nos olhar com novos olhos. Sabem que somos produtivos e trabalhadores, até mais que a média nacional, pois não temos aquele mar de Fortaleza ou Natal ou do Rio de Janeiro, para nos convidar a ser mais preguiçosos e menos workaholics. A impressão que me causa Fortaleza é que as

leza é que as pessoas trabalham só até as cinco horas da tarde porque às seis a "volta da Jurema" e outros points

da praia já estão lotados...

Brasília carrega o estigma de cidade-monumento. Os brasileiros devem se orgulhar de nossa capital como os norte-americanos se orgulham de sua Washington. A monumentalidade aqui é o espírito da cidade. Por isso, um dos papas da propaganda brasileira, o saudoso Renato Castelo Branco, me questionou certa vez porque se permitia colocar placas de propaganda no Conjunto Nacional, pois, segundo ele, tudo aqui deveria ser preservado clean, o concreto aparente, os prédios limpos, sem placas e adereços. O neon aqui não devia ter vez, pois Brasília é uma cidade diferente e deve se preparar para usufruir a sua beleza paisagística, urbanística e arquitetônica em termos de turismo, ganhan-



do muito mais divisas com esta limpeza visual, de cidade despojada, singular.

Infelizmente, a falta de fiscalização está permitindo encher nossa cidade de placas indesejáveis. Por Lúcio Costa, somente os Setores

de Diversões Norte e Sul deveriam abrigar luminosos, exatamente para caracterizar ser ali um setor destinado à animação e lazer. Os demais setores deveriam permanecer limpos. Agora, o Venâncio 3.000 está cobrindo de placas de propaganda toda a sua fachada lateral, num despropósito poluidor e provinciano. Táí uma ação não digna de Brasília. Não combina com a monumen-

talidade e a grandeza de Brasília. Apelamos para o Governo do Distrito Federal coibir isso.

Recentemente, entrei com uma Ação Popular contra o GDF para impedir que se colocasse placas de propaganda nas árvores de Brasília. Já imaginou acordar e dar uma volta na cidade e se deparar com milhares de placas em volta das árvores, tal e qual as cidadezinhas do interior fazem, com o nome das farmácias e armazéns, obra do senhor prefeito para aparecer? Felizmente, conseguimos impedir um outro ato que também não era digno de Brasília. Todas as instituições públicas ou privadas ligadas ao assunto nos apoiaram na ocasião.

Se conseguirmos impedir a degradação do Plano Piloto de Brasília, se conseguirmos preservar intacto este espírito de monumentalidade, com respeito à "alma" desse plano, vamos

fazer mais bem a essa cidade e a nós mesmos. Porque vamos atrair turismo e carrear divisas para a nossa cidade. Dentro desse espírito, está impedir que se encha Brasília de quiosques e traillers, sob o pretexto de gerar empregos para as classes menos favorecidas. Elas serão mais favorecidas se a cidade ganhar fama mundial pela singeleza e limpeza visual do seu urbanismo, acrescidos do seu astral, seu misticismo.

Brasília precisa dar o exemplo de cidadania e mudanças de hábitos sociais para os brasileiros, como agora fez na campanha A Paz no Trânsito, com os motoristas parando nas faixas de pedestres, o que a fez merecer até artigo na revista Veja como "a Suiça do Cerrado". E passou a ser uma referência nacional em termos de educação no trânsito.

Brasília é uma cidade diferente, atípica, inovadora, espacial, como se fosse uma cidade da Lua, céu aberto, altiplana

Podemos - e temos condições para isso - extinguir totalmente o analfabetismo em nossa cidade, alfabetizando

nossos velhinhos. Podemos nos transformar na cidade mais limpa do Brasil num período de um ano ou dois em parceria com a iniciativa privada, instalando milhares de lixeiras e educando a população para não jogar lixo nas ruas. Para isso, já temos legislação.

Vamos, em vez de atrair brasileiros a Brasília, sem condição de suportar esta carga, induzir o desenvolvimento daqui para fora, como prega o senador Roberto Arruda, nos transformando em referência nacional em padrões de comportamento social, de cidadania e de civilidade. Para isso basta que sejamos dignos de Brasília. E aí Brasília vai nos merecer.

* Jornalista, advogado, diretor da Associação Comercial do DF